



Comunicação Estratégica: o papel da Extensão Tecnológica no Contexto da Expansão da EPCT¹

André Dala POSSA²
Diego Duarte DONET³
Diogo Brizola MARTINELLI⁴

Universidade de São Paulo (USP)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC)

Resumo

O artigo discute a extensão enquanto ferramenta comunicacional da rede pública de educação profissional. Ao observar ações do projeto de extensão “Feiras de ciências”, desenvolvido desde 2014 no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), no campus Florianópolis-Continente, conclui-se que a comunicação organizacional precisa afinar sua percepção da realidade para criar condições mais cidadãs de acesso às oportunidades da educação profissional. Essas variáveis são debatidas à perspectiva de autores como Sodré (2013), Huergo (2011) e Barbero (2014).

Palavras-chave

Rede EPCT; Extensão; Comunicação; Ingresso.

Introdução

Das escolas básicas à universidade, o debate sobre uma necessária readequação do fazer educacional vem à tona com frequência. A Educomunicação representa uma destas inter-relações e tem se debruçado inclusive à tarefa de compreender as implicações da alta modernidade nos sistemas de ensino e fora deles, principalmente nos contextos diretos da ubiquidade tecnológica digital. É constitutivo da área da comunicação a interface com outras ciências.

Uma das demandas específicas para esta necessária readequação do fazer educacional diz respeito à políticas de captação de alunos para os cada vez mais diversos processos formativos, tanto da iniciativa privada quanto pública. Para pensar

¹Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

²Jornalista pela ECOS da UCPel; Mestre em Ciências Sociais pelo IFSP da UFPel; Doutorando em Ciências da Comunicação pela ECA da USP. Assistente em administração na pró-reitoria de ensino do IFSC. Email: <andredalapoosa@usp.br>

³Graduando da terceira fase de Gastronomia no IFSC campus Florianópolis-Continente, bolsista de extensão.

⁴Graduando da terceira fase de Gastronomia no IFSC campus Florianópolis-Continente, bolsista de extensão.



esse cenário, desde 2014, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFSC) executa projeto de extensão durante as tradicionais feiras de ciências das escolas públicas da educação básica de Florianópolis. A ação busca conhecer os anseios e interesses pela continuidade dos estudos nestes públicos, bem como divulgar a oferta educativa do IFSC. As observações da execução do projeto de extensão “Feiras de ciências: aproximando as escolas públicas do IFSC”, que dialoga com estudantes do ensino fundamental II e médio da rede pública, sinaliza para a emergência de uma necessária inversão dos papéis sociais - tamanha diversidade de opções de cursos e distanciamento da Rede de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (EPCT) com a educação básica. Esta inversão, defende-se, coloca a instituição de ensino em papel ativo. Quer dizer, a universidade ou instituto ofertante deve ser mais ativo e estratégico no diálogo com o futuro estudante. Nesse sentido, ao invés de esperar passivamente pela inscrição do cidadão em suas campanhas burocráticas de ingresso, deve criar mecanismos de gestão de informação para, por meio de banco de dados, agir ativamente no estudo das demandas sociais e posterior oferta do referido curso.

Outra variável que emergiu das observações da execução do projeto diz respeito a massificação dos processos de ingresso à educação pública que exigem proficiência no uso do computador e da Internet. Neste ponto, destaca-se que o fato de atualmente a maioria das rotinas estarem permeadas por tecnologizações digitais não representa, por si, uma limitação determinante à manifestação de interesse do cidadão pelas oportunidades da educação pública. A problemática está na interface utilizada pelas instituições. A linguagem e o processo burocrático para participar das campanhas de seletivas de ingresso demandam do interessado conhecimentos e infraestruturas (equipamentos) nem sempre existentes/disponíveis. No caso do IFSC, o portal de ingresso reproduz a linguagem linear e burocrática dos editais utilizados em suportes analógicos. Tais documentos são extensos e utilizam linguagem técnica que não é de “domínio público”.

Analisando este cenário, parece-nos que não é exagero concluir que manter as exigências de compreensão de editais e demais documentos da máquina pública de cidadãos que não utilizam ferramentas digitais cotidianamente para serviços públicos e nem dominam a linguagem técnica, numa escola criada com o objetivo de incluir vulneráveis sociais, configura uma forma explícita de exclusão social. Um claro empecilho à cidadania plena. Assim, empreender na comunicação organizacional para captação de alunos tem potencial determinante na emancipação cidadã defendida em



Weinberger (2012) e Pireddu (2014), por exemplo. Mais que isso, trata-se de um empreendimento necessário à fixação da Rede de EPCT.

A Rede de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (Rede EPCT)

A educação contemporânea brasileira tem indicadores que expõem um cenário de necessária atenção e inovação - Huergo (2007), Sodré (2013), Martin-Barbero (2014) et al. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) 2013 mostrou que dos estimados 201,5 milhões de brasileiros, mais de 13,3 milhões com 15 anos ou mais são analfabetos. Além disso, a PNAD aponta crescimento na taxa de abandono escolar precoce, que atinge 32,3% dos jovens com idade entre 18 e 24 anos (na União Européia são 13,5%, em contraponto). Esses dados, a longo prazo, mantém e agravam os quantitativos de cidadãos que não estudam e nem trabalham. Na continuidade de suas trajetórias de vida, ao buscar uma ocupação sem a devida qualificação, serão incluídos marginalmente em atividades de baixa remuneração.

Na mesma direção, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica/Ensino Médio (Ideb) 2013 apresenta variações entre 3,4 em 2005 e 3,7 em 2013 – 1,5 abaixo da meta. Quando a atenção se volta para a eficiência do sistema educacional na alfabetização, verifica-se que 10,2% das crianças de oito anos de idade, que frequentam a escola regularmente, ainda não sabem ler nem escrever. Com essas defasagens, criam-se condições para uma progressiva polarização na qual temos de um lado o estudante e seu contexto, conflitos e anseios e, de outro, a escola, em sua institucionalidade moderna (FOUCAULT, 2000) e labuta burocrática pela manutenção de seu horizonte cultural (HUERGO, 2000).

A educação escolar brasileira divide-se em básica e superior. Na “básica”, inclui-se a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio. Enquanto a “superior” comporta as graduações (tecnológicos, bacharelados, licenciaturas e engenharias). Em capítulos a parte, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) traz a educação profissional técnica de nível médio e a educação profissional e tecnológica. Para *corpus* deste artigo, interessa a educação profissional técnica de nível médio, iniciada no Brasil em 1909 pelo então presidente Nilo Peçanha, que criou 19 Escolas de Aprendizes e Artífices em capitais do país para formação profissional dos filhos das famílias menos favorecidas.



Nesse século de história, sabe-se, muita coisa mudou. A atual conjuntura da educação profissional passou por transformações de nomenclatura, de concepção pedagógica, de natureza jurídica e de estrutura organizacional, principalmente. A mais recente está na lei 11.892/2008, que institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (Rede EPCT). Esta rede é gerida pelo Ministério da Educação (MEC) e dedica-se especialmente à formação de jovens e adultos para o mundo do trabalho, muitos dos quais já atuam em suas respectivas áreas e vêm para a sala de aula diariamente depois de rotinas exaustivas a procura de atualização, elevação da escolaridade, melhores competências para o ofício em questão e para a titulação.

De 2003 a 2014 a rede de educação profissional passou por um processo de expansão e interiorização inédito. Na última década foram implantadas 422 unidades, totalizando 562 *campi* em funcionamento, com oferta distribuída em cursos básicos (de qualificação rápida, curta duração), técnicos (integrados, concomitantes e subsequentes), tecnológicos, bacharelados, engenharias e licenciaturas, além da pós-graduação. O Quadro 1 apresenta a oferta nacional de cursos técnicos na educação profissional em 2013:

Oferta	Federal	Estadual	Municipal	Privada	Total
Técnico concomitante	30.175	74.727	4.490	200.584	309.976
Técnico subsequente	80.495	232.764	14.902	464.524	792.685
Técnico Integrado	117.747	183.637	10.738	26.268	338.390
Matrículas	228.417	491.128	30.130	691.376	1.441.051

Quadro 1 - Número de matrículas em cursos técnicos na educação profissional (2013)
Fonte: INEP (2013).

É importante esclarecer que o Quadro 1 não apresenta uma visão global da oferta de educação profissional no Brasil, traz outrossim apenas as matrículas em cursos técnicos. Ou seja, estão excluídos do quadro 1 os dados das engenharias, licenciaturas, bacharelados, tecnológicos e básicos de curta duração).

Em implantação, com processos pedagógicos, administrativos e de gestão ainda não bem definidos e grupos de recursos humanos em formação: essa é a conjuntura atual da maioria das unidades de ensino dos Institutos Federais. Alguns com estágios mais avançados de institucionalização, outros com dificuldades para se firmar enquanto opção de formação à sociedade. As realidades são variadas e distintas, as escolas



técnicas mais antigas têm 105 anos de existência, mas trabalham agora para consolidar uma identidade organizacional caracterizada pela capilaridade geográfica. Pesa ainda nesse movimento, como um todo, a desvalorização nacional da formação técnica em relação às demais, cenário que, por exemplo, os países europeus já superaram.

No ano passado, considerando o momento da economia nacional e a capilaridade conseguida pelos Institutos Federais, o Tribunal de Contas da União (TCU) auditou o trabalho da Rede EPCT, no período de 2004 a 2011. A principal questão suscitada pela investigação diz respeito aos indicadores de evasão, retenção e conclusão escolar.

Indicador	Médio integrado	Médio subsequente	Proeja médio	Licenciatura	Bacharelado	Tecnólogo
Evasão	6,4%	18,9%	24,0%	8,7%	4,0%	5,8%
Retenção	17%	35%	22%	43%	44%	37%
Conclusão	46,8%	31,4%	37,5%	25,4%	27,5%	42,7%

Quadro 2 - Indicadores da educação profissional: evasão, retenção e conclusão (2004-2011)
Fonte: adaptado de TCU (2013).

Percebe-se que em alguns casos a porcentagem de concluintes beira os 50%. Uma outra observação possível é que a retenção (ou reprovação) é maior nos cursos que atendem jovens e adultos, assim como a evasão e a conclusão. A partir da publicação do relatório da auditoria, o TCU determinou que o MEC apresentasse plano de trabalho para combater os indicadores do Quadro 2. Desde então, a Rede EPCT realiza tentativas de mobilizações mais efetivas das áreas pedagógicas e de gestão em prol da compreensão das motivações que levam o estudante a desistir do curso ou reprovar - o objetivo dos exercícios coletivos é, portanto, definir estratégias de “permanência e êxito”. Já foram realizados dois eventos de troca de experiências didáticas e está sendo instituída a Associação Brasileira de Prevenção à Evasão na Educação Profissional, ainda embrionária, com sede no Instituto Federal do Mato Grosso (IFMT).

Nesse ponto, destaca-se a importância do projeto de extensão “Feiras de ciências: aproximando as escolas públicas do IFSC”. A proposta experimenta novas formas de divulgação, apostando no trabalho direcionado, com oficinas, palestras e exposição das áreas profissionais. Considerando a Rede EPCT, o projeto alia teoria e prática, na busca de fomentar debates que colaborem à solução e construção de



conhecimento científico, potencial para colaborar na consolidação de políticas públicas em educação.

A extensão no IFSC Florianópolis-Continente⁵

O início da extensão universitária se deu na segunda metade do século XIX, na Inglaterra. Porém, foi no fim da década de 1980 que surgiu uma conceituação da extensão universitária, mantida nos anais do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, desde o “I Encontro Nacional de Pró-reitores de Extensão”, realizado em 1987:

A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade. A Extensão é uma via de mão dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração das práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento (FORPROEX, 2007).

Como visto acima, a função básica da extensão universitária é de socialização do conhecimento, possibilitando uma interação coletiva entre a universidade e a população externa. Ou seja, quando a instituição sai dos seus muros, abre a possibilidade de que qualquer cidadão usufrua do conhecimento científico e tecnológico.

No século passado, as ideias que deram origem as atividades de extensão das universidades inglesas estiveram ligadas ao movimento de “educação continuada”, que teve como objetivo descaracterizar esse tipo de educação como sendo destinado as classes desfavorecidas. As universidades, preocupadas em oferecer oportunidades de educação à população adulta delas excluídas propunham atividades de certos setores da produção como aos interesses desses segmentos populares.

Apontando o surgimento da extensão universitária e sua implantação nas universidades, quer-se tratar de uma nova área, com novas ideias, que consiga chegar a um público dentro e fora dos contextos estudantis. Como já fora dito, por ser uma via de mão dupla, ao mesmo tempo que melhora a vida da sociedade, a extensão complementa a formação profissional dos alunos envolvidos.

Longe de ser algo novo, a extensão universitária precisa passar a ser encarada como componente curricular. Com atividades de extensão ao longo do currículo, as

⁵ Uma das 23 unidades do IFSC, localizada no bairro de Coqueiros, Florianópolis. Com oito anos de funcionamento, atua nos eixos de Indústria Alimentícia e Turismo, Hospitalidade e Lazer.



universidades e institutos garante um cidadão profissional mais consciente dos desafios da sua área, mais humano em última análise.

Fica claro que a extensão tem realizado um trabalho importante tanto no IFSC quanto fora dele. O projeto “Feiras de Ciências: aproximando o IFSC das escolas públicas”, conta com dois bolsistas do curso superior em gastronomia. O curso tem registrado uma das maiores procuras dentro da instituição (ver quadro 3). O projeto de extensão conta com atividades desenvolvidas por meio de participação nas feiras de ciências em colégios públicos da grande Florianópolis, visando a divulgação dos cursos oferecidos pelo IFSC. Depois das atividades do projeto, percebe-se integração do público ao trabalho desenvolvido na área. Muitos interessados pelos cursos demonstram insegurança quanto à ocupação profissional do gastrônomo, do hoteleiro e assim por diante. Assim, é possível afirmar que a extensão universitária não atua apenas na captação de alunos, mas também no que diz respeito ao aspecto social, que aproxima a educação pública da população de forma consciente.

Por meio da extensão tecnológica, a iniciativa atua em 25 das 110 escolas que promovem feiras de ciências na 18ª Gerência Regional de Educação Estadual (GERED), responsável pelas escolas públicas de ensino médio da Grande Florianópolis. Para este atendimento foram consideradas questões de proximidade e de número de estudantes nos referidos educandários. Além disso, algumas escolas unem-se a outras para realizar a feira ou acabam cancelando o evento por questões de calendário.

Para cada feira abordada entre a comissão do projeto e a diretoria de ensino das escolas públicas, são planejadas ações específicas. Mantém-se sempre oficinas de orientação profissional, palestras sobre ciência e inovação, distribuição de material gráfico e estande com apresentação das áreas profissionais relacionadas ao turismo (principalmente gastronomia). Caracterizados com uniforme das áreas, os extensionistas atraem atenção do público das feiras, gerando interesse pela EPCT e criando um espaço propício ao esclarecimento de dúvidas. Os visitantes do estande e os participantes das oficinas e palestras preenchem cadastro para *mailing list*, sinalizando suas áreas de interesse. A curto prazo, pretende-se desenvolver ferramenta que garanta a notificação dos interessados constantes deste banco de dados elaborado feira a feira.

O projeto em si, tem apresentado contribuições efetivas para o IFSC, dentre elas: exposição em feiras de tecnologia, desenvolvimento e estudo de artigos acadêmicos, elaborações de projetos e realização de receitas específicas para os eventos. Existe



ainda, espacial colaboração à aprendizagem dos alunos dos cursos da EPCT, que se envolvem mais com a área estudada.

O Quadro 3 demonstra a evolução por semestre da procura pelos cursos do IFSC campus Florianópolis-Continente. Observa-se que a divulgação nas feiras iniciou em 2013-2. Assim, demonstra-se que, além de proporcionarem troca de experiências e conhecimentos entre alunos e a comunidade externa, a extensão também é capaz de atrair mais cidadãos para os processos seletivos. Ainda não foi possível diagnosticar quais foram as alterações nos indicadores de permanência e êxito, visto que os ingressantes ainda não concluíram seus cursos. A expectativa é que esses resultados sejam conhecidos a partir de 2016.

Cursos	Período e inscritos											
	2009-2	2010-1	2010-2	2011-1	2011-2	2012-1	2012-2	2013-1	2013-2	2014-1	2014-2	2015-1
Téc. Cozinha	428	486	323	288	279	300	-	-	-	-	-	-
Téc. Gastronomia	-	-	-	-	-	-	447	399	500	432	438	635
Téc. Hospedagem	82	148	50	60	109	46	56	-	-	-	-	-
Téc. Panificação e confeitaria	85	174	87	134	149	187	116	162	166	171	235	296
Téc. Serviço de restaurante e bar	160	66	27	32	56	44	-	-	-	-	-	-
Téc. Guia de turismo	-	-	-	142	-	97	-	123	-	123	-	-
Téc. Eventos	-	-	-	-	-	-	-	212	-	138	-	236
<i>CST Gastronomia</i>	-	-	-	-	-	-	-	511	-	409	-	666
<i>CST Hotelaria</i>	-	-	-	-	-	-	-	129	-	88	-	101
Total	755	874	487	656	593	674	619	1.536	666	1.361	673	1.934

Quadro 3 - Evolução da procura pelos cursos técnicos e de tecnologia do Campus Florianópolis-Continente (2009-2 a 2015-1)

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados extraídos do sistema de ingresso do IFSC.

Uma análise possível do Quadro 3 diz respeito às áreas de maior procura nos cursos técnicos subsequentes, para aqueles cidadãos que já concluíram o ensino médio. Percebe-se que o curso técnico de Panificação e Confeitaria mantém a procura sem grandes oscilações ao longo dos seis anos do levantamento, além de ser o único curso com oferta ininterrupta. Ainda, pode-se inferir que o curso técnico de serviços de restaurante e bar não teve procura relevante, apesar de Florianópolis ser uma das capitais que mais recebe turistas no Brasil. A mesma observação cabe para a área de Hospedagem. No caso do curso técnico em hospedagem, considerando apenas as campanhas em que houve oferta, a média de inscritos é de 79, acima apenas do curso técnico em serviços de restaurante e



bar, que teve uma demanda média de 32 inscritos por campanha. Tanto o técnico em cozinha quanto o técnico em gastronomia têm as melhores médias de procura, 351 e 475 respectivamente. Optou-se por não explorar aqui as duas ofertas de cursos superiores porque há ingresso também pelo Sistema de Seleção Unificada (Sisu) do Ministério da Educação (MEC).

Considerações

Diante do exposto, defende-se ser necessário que a comunicação organizacional atente a esses cenários aqui explorados, considere as mudanças trazidas pela Sociedade em Rede e consiga, em última análise, colaborar com os desafios da educação profissional. Os resultados do projeto sinalizam que as estratégias de captação de alunos devem prever a aproximação consciente dos candidatos em relação à profissão escolhida. Sem essa consciência do dia a dia, da jornada profissional da área escolhida, dificilmente o aluno permanecerá em sala até a conclusão do curso. Se permanecer, pode vir a não atuar no mundo do trabalho.

As análises parciais das atividades desenvolvidas no projeto desenham um ponto de ruptura dos padrões estabelecimentos de captação de alunos. Há cenários de (in)comunicação no processo decisório das profissões. Desta forma, registra-se que a comunicação organizacional, na interface com a educação, precisa aplicar-se à atualização de suas estratégias. Imersos à Sociedade em Rede existem mais de 13,6 milhões de analfabetos. E, mesmo entre os letrados, sabe-se que existem barreiras à inclusão digital e conseqüente manuseio das tecnologias de comunicação e informação. Quando uma instituição pública de ensino tem em sua missão a promoção da inclusão social de cidadãos marginalizados, deve prever, inclusive, formas desburocratizadas de ingresso. Nesse sentido, a comunicação organizacional configurada nas ações de extensão assume papel de destaque uma vez que são elas que extrapolam os muros da escola e chegam até os públicos potenciais.

O projeto de extensão ora exposto toca em pelo menos dois desafios para a expansão e desenvolvimento da EPCT no Brasil: (1) melhoria dos indicadores de permanência e êxito por meio do ingresso consciente; (2) atualização das práticas de comunicação/divulgação dos cursos. Fica como síntese, parcial, a necessidade de investimento mais significativo nas atividades de extensão, que aflorem o diálogo entre



quem demanda os cursos (a sociedade) e quem os ministra (neste caso, os institutos federais). Defende-se que, por meio de ações específicas e não massivas, haverá uma equação mais favorável entre número de inscritos, matriculados, concluintes e atuantes na área de formação.

Referências bibliográficas

CITELLI, Adilson. Ensino a distância na perspectiva dos diálogos com a comunicação. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 8, p. 187-209, 2011.

FORUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. *Extensão Universitária: organização e sistematização*. Coordenação Nacional FORPROEX, Belo Horizonte: Coopmed, 2007.

GARRISON, D.Randy. *E-learning in the 21st century: a framework for research and practice*. Routledge, New York, 2ed, 2011.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: Nascimento da Prisão*. 23. Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

HUERGO, Jorge A. Comunicación/ Educación: itinerários transversales. In: VALDERRAMA, Carlos. *Comunicación&Educación*. Bogotá: Universidad Central, 2000. p. 3-25.

HUERGO, Jorge. *Los medios y tecnologías en educación*. Centro de Comunicación y Educación (UNLP), p 1-21, 2007. Disponível em: <http://www.me.gov.ar/curriform/publica/medios_tecnologias_huergo.pdf>. Acesso em: 5 set. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Primeiros resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2012 e 2013*. Brasília, 2013. Disponível em ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Fasciculos_Indicadores_IBGE/pnadc_201302caderno.pdf. Acesso em 10 out. 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *A comunicação na educação*. São Paulo: Contexto, 2014.

PIREDDU, Mário. *Social learning: Le forme comunicative dell'apprendimento*. Milão: Gueriniscientifica, 2014.

SODRÉ, Muniz. *Reinventando a educação*. Petrópolis: Vozes, 2013.



WEINBERGER, David. *Too big to know: rethinking knowledge now that the facts aren't the facts, experts are everywhere, and the smartest person in the room is the room*. New York: Basic Books, 2012.